

Paulo Sales*

Instituto Federal Goiano, Universidade Federal de Goiás

Poesia e a (não?) salvação do mundo em Pedro Eiras

Resumo: A partir da polissemia presente nos usos da palavra salvação na poética de Pedro Eiras, mais especificamente em seu tríptico *Inferno* (2020), *Purgatório* (2021) e *Paraíso* (2022), apresentamos uma reflexão em torno dos modos pelos quais os poemas desses livros possibilitam aos leitores, como forma de salvação dos sujeitos no mundo pela poesia, contrapor longos períodos de pausa e de ócio produtivo aos meios de aceleração da vida contemporânea. A nosso ver, os poemas de Eiras exortam a pensar criticamente o espaço contemporâneo a partir da filosofia de Byung-Chul Han (2017, 2018, 2021) sobre a “sociedade do cansaço” e a “sociedade paliativa” vigentes nas formas de manipulação da psicopolítica neoliberal. Ao deambular pelos espaços urbanos entre seus semelhantes, o sujeito poético se depara com as imposições da vida neoliberal e digital, que comandam as nossas idiossincrasias e levam ao infarto da alma. Entendemos, então, que as perspectivas de salvação do mundo, mesmo crítica e ironicamente latentes no texto poético de Eiras, urge no decreto da pausa, na valorização do ócio e no tédio produtivo do tempo presente. Logo, vários poemas dos livros *Inferno*, *Purgatório* e, sobretudo, do *Paraíso* assumem, em nossa leitura, um caráter pedagógico e terapêutico. Eles possibilitam aos leitores de poesia uma lição ética, que os leva a refletir sobre como funcionam os dispositivos psíquicos de manipulação da nova ordem vigente por meio de uma poesia afetiva, na qual poeta e sujeitos são reféns das armadilhas neuronais presentes nas diversas camadas dos infernos, purgatórios e paraísos artificiais típicos do século XXI. Logo, na voz do poeta, se não houver o decreto imediato da pausa e do descanso, não há perspectivas mínimas de salvação da alma, tal como se evidencia de forma decadente no *Paraíso*, que encerra o tríptico de Eiras.

Palavras-chave: Pedro Eiras, Sociedade do Cansaço, Neoliberalismo, Ócio, Pausa, Salvação

Abstract: Based on the polysemy present in the uses of the word salvation in the poetics of Pedro Eiras, more specifically in his triptych *Inferno* (2020), *Purgatório* (2021) and *Paraíso* (2022), we present a reflection on the ways in which the poems in these books allow readers, as a form of salvation of the world for individuals in the world through poetry, to oppose long periods of pause and productive leisure, counteracting the acceleration of contemporary life. In our view, Eiras' poems urge us to think

critically about contemporary space from the perspective of Byung-Chul Han's philosophy (2017, 2018, 2021) on the "society of the burnout" and the "palliative society" prevalent in the forms of manipulation of neoliberal psychopolitics. Wandering through urban spaces among his peers, the poetic subject allows us to reflect critically on the impositions of neoliberal and digital life, which govern our idiosyncrasies and lead us to a heart attack of the soul. We understand, then, that the prospects for salvation, even critically and ironically latent in Eiras' poetic text, lie in the decree of the urgency of pausing, of valuing leisure and productive boredom in the present time. Therefore, several poems from *Inferno*, *Purgatório* and especially *Paraíso* take on, in our reading, a pedagogical and therapeutic character. They offer poetry readers an ethical lesson, leading them to reflect on how the psychic manipulation mechanisms of the new prevailing order function through an affective poetry, in which poet and subjects share the neuronal traps in the various layers of the artificial hells, purgatories, and paradises typical of the 21st century. Therefore, in the poet's voice, if there is no immediate decree of pause and rest, there are no minimal prospects for the salvation of the soul, as is decadently evident in *Paraíso*, which concludes the Eiras triptych.

Keywords: Pedro Eiras, The Burnout Society, Neoliberalism, Leisure, Pause, Salvation

Estes são os insatisfeitos, os impacientes,
os que empurram a terra por dentro.
São argila feita de argila,
mas a fúria sobreviveu-lhes, abriu crateras
para respirar, tornou o húmus
amargo e denso e furioso.
Outros, nas cisternas de lama, censuram-lhes
a teimosia: o homem é feito – dizem –
para durar um instante, depois apaga-se,
até o fósforo do seu corpo se diluir
em sonos freáticos;
dizem, repetem, ninguém lhes nega
o bom senso.
(O bom senso não salva –
só a fúria. Mas tem calma,
disso será preciso falar
noutro sítio.
Purgatório, Canto VII
Pedro Eiras

Eis um equívoco
 a desfazer:
 não importa viver para sempre
 neste mundo
 (e não há outro, não há senão
 este testamento
 de terra adiada,
 um livro nas mãos, um anel, o
 último sopro; depois o grande fogo
 em volta do corpo;
 não há mais
 que isto: a lotaria
 de alguma luz emprestada).
 não importa viver para sempre
 (muito menos imaginar que a carne regressa
 ao corpo sublimado,
 e as mãos juntas empurram
 as tábuas contra o sol,
 acolhidas
 por ambíguos anjos
 de iluminura);
 não importa, é impossível
 (pois cada cara está desfeita,
 nem Ísis, chorando alto, saberia
 juntar, uma a uma, cada peça).
Paraíso, Canto II
 Pedro Eiras

Os poemas de Pedro Eiras, utilizados como epígrafe, direcionam o olhar do nosso leitor para a questão fulcral da perspectiva poético-filosófica em que iremos nos deter neste ensaio: o alargamento de sentidos aplicados nos usos da palavra “salvação”, que tem acompanhado o trabalho desse poeta desde sempre em suas reflexões críticas e artísticas.¹ No seu estudo “Falhar melhor: novos apontamentos sobre a palavra salvação”² (2021a), Eiras se ocupa de examinar as derivas do verbo “salvar”, mais especificamente os usos paradoxais que as aproximam dos sentidos de “falhar”, de “perder”, de “saber perder”, de “saber aceitar a efemeridade do mundo” e, também, como bastante presentes no *Purgatório* (2021b) e no *Paraíso* (2022), de sentidos próximos ao da palavra fúria. Na visão do poeta/ensaísta, é necessário redefinir os usos do verbo “salvar” para

não os pensar de forma restritiva, para que tais práticas “não se vincule[m] apenas às ideias de conservação, manutenção, guarda, pecúlio, posse. Paradoxalmente, será preciso aproximar o verbo ‘salvar’ de um verbo como ‘perder’ – que deveria parecer seu oposto” (Eiras 2021a: 14). A partir dessa expansão de sentidos e de usos pragmáticos do verbo “salvar”, valemo-nos da leitura de sua poesia para refletirmos sobre seus poemas, a partir de então, como formas em devir, ou seja, como construções poéticas que podem vir a atritar com os paradigmas neuronais massificados na vida cotidiana dos sujeitos pela perspectiva filosófica da *psicopolítica*.³ De forma mais detida, lemos, então, os poemas de Eiras como possíveis formas de “salvação” – ou, pelo menos, como estratégias de defesa poético-filosófica que permitem prorrogar o fim do sujeito afetivo e criativo... – a contrapelo do excesso de positividade, da hiperaceleração do tempo, da vida regida por algoritmos e do autogerenciamento em prol de demandas produtivas dos sujeitos tão comuns na sociedade neoliberal vigente. Assim, no primeiro poema que compõe nossa epígrafe, retirado do Canto VII do *Purgatório*, o eu-lírico se detém a descrever os insatisfeitos, que “empurram a terra por dentro”. Esses desesperados são feitos de argila, “mas a fúria [que pode ser uma deriva de salvação] sobreviveu-lhes,/ abriu crateras para respirar, tornou o húmus/ amargo e denso e furioso”. Já no poema utilizado como segunda epígrafe, que foi retirado do livro *Paraíso*, temos a continuidade da mesma visão pessimista e crítica sobre a realidade circundante da era hiperconectada da contemporaneidade, que norteia o desânimo do poeta ao descrever um paraíso artificial muito distante daquele que nos foi apresentado nos capítulos II e III do Livro de Gênesis, mais especificamente que fora descrito como o Jardim do Éden. No paraíso de Eiras, deparamo-nos com imagens decadentes muito distantes do idílico lugar apresentado na Bíblia. Essa ambientação antiutópica provoca a visão crítica do sujeito com a contemplação desse lugar: “Eis um equívoco [logo, não há salvação a não ser pela fúria e, veremos, pela errância]/ a desfazer:/ não importa viver para sempre/ neste mundo/ (e não há outro, não há senão/ este testamento/ de terra adiada”. Dito isto, o poeta, com sua visão aguda sobre o mal-estar inerente à nossa vida guiada pelas novas formas de manipulação da psicopolítica, consente, no canto XXIII, do *Purgatório* que, para tentar salvar-se, é preciso, sempre, permitir-se “errar”:

Errei, como toda a gente,
o discurso dos meus anos, esqueci-me
das datas, dos encontros marcados
à porta do abismo; descurei
os suplementos vitamínicos, a palavra
em troca de nada,
e nas almofadas perdida, na noite
mais longa
da vida; andei sempre acompanhado por

amigo imaginário,
meio diabo, meio tolo da aldeia,
pendurado
ao pescoço como um talismã,
ignorando
o endereço de Ítaca, donde as cartas vinham,
certo e sabido,
sempre devolvidas;
distráí-me com
o jornalismo das horas, sacudindo
as folhas de metal, o ruído que faziam, gesto
repetido, compulsivo, um pouco
supersticioso;
mesmo assim morri de morte danada
setenta vezes ao dia, vezes sete,
lançada das estrelas a manilha triunfal
que uma ás – com esta é que não estavas a contar! –
secantemente cortava;
assim vez por vez, sem emenda;
vez após vez, engolindo em seco;
vez após vez, errando, errando,
errando.
(Eiras 2021b: 83-84)

Nesse e em vários outros poemas que formam o tríptico de Eiras, destacamos a presença de uma visão distópica do poeta para com a contemplação do espaço urbano, isto é, de uma perspectiva desencantada com a realidade capitalista circundante, presente tanto na visão do sujeito poético quanto na descrição dos resquícios de vida dos sujeitos contemporâneos – seus semelhantes – reféns da alta produtividade exigida pelos tempos neoliberais. Na era da cibercultura,⁵ da produção em larga escala e da autogerência de si regidas pelo excesso de positividade da psicopolítica,⁶ todos tornam-se sujeitos cansados, esgotados de si mesmos e incapazes de sair de si. Incluímos, nessa seara crítico-filosófica, grande parte dos poemas de Pedro Eiras que nos permitem mapear as chagas da psicopolítica, que passou a ditar as vontades de todos. A nosso ver, sua poesia é, de certa forma, herdeira da dicção crítica da Geração Cartucho da década de 1970,⁶ da qual o nome fundamental é Joaquim Manuel Magalhães. Em nosso modo de ler seus poemas, entendemos que Eiras se vale de uma escrita estratificada em um cenário atual ruinoso. As chagas infernais presentes nos poemas entram em atrito com as imposições da economia mercadológica neoliberal, ao descreverem o definhamento das coisas que cercam o poeta: “[...] mas tudo se cansa de existir, já os nomes/ caem das

coisas como rótulos sem cola, / é tarde, está escuro, já uma teia/ vai toldando nossos olhos”.⁷ Notamos, por meio da voz lírica, sobretudo pela intensa errância do sujeito poético que está a deambular pelos diversos espaços infernais da pólis, a perspectiva da não salvação do homem no mundo com o qual o poeta se depara. Isso se confirma em inúmeras passagens do *Inferno*, que também se repetem no *Purgatório* – “Cá estamos, em suma: e nunca daqui sairemos” (Eiras 2021b: 65) e se intensificam no *Paraíso*: “Mas traz-me, se puderes, boas notícias,/ ventos ocre do Sul, gota de mel crestada/ nos lábios,/ um livro no parapeito,/ vertendo dias.⁸ Logo, os três livros, a nosso ver, permitem aos leitores pensar criticamente sobre as imposições do neoliberalismo na sociedade contemporânea. O poeta, em todos os três livros, é um sujeito caminhante que partilha os sofrimentos cotidianos junto dos transeuntes pelos espaços sem afetividade. Todos se deparam com “[...] um tempo sem calendário,/ sem lutar por um lugar remunerado,/ ou o preço de uma hora, de um minuto/ esforçado; vai doar/ este cansaço, sol tardio encadeando/ cabelos, olheiras, o teu nome estranho/ num cartão de cidadão”⁹ (Eiras 2021b: 49). Esse descontentamento do poeta é bastante visível quando ele está a deambular pelos vales do *Purgatório*, no Canto X, sobretudo quando se depara com os estados deploráveis dos sujeitos/espíritos:

Com a boca colada no vidro,
em câmara lenta, soletrando
gestos de afogado, estrangeiros,
lábios roçando a
porcelana das orelhas,
perguntas:

sabes
quem sou? Lembras-te
de mim? queres beber
um copo d'água?
de que lado
cai a noite?

Mas
o fio do soro dissolve
o vago filme surdo,
desbotado
nos caixilhos.

Que faço aqui?
é esta a minha casa?
por que razão a tua cara
está sempre a mudar de luz?
E as nuvens passam

indiferentes, rasgadas na serrilha
das fachadas, deste tempo inútil:
pequeno-almoço,
almoço, lanche,
jantar, o sono pelas horas repartido,
a espera das estações, com
o pico de febre pontual.

Quem

está ali no canto, sentado,
a olhar para o buraco no tecto?
por que razão desapareceu, a meio
do silêncio? e estas mãos, porque
estão presas, cobertas
de lentíssimas
centopeias?

Um desacerto

na posologia. Isto é normal? Pode
acontecer, às vezes é da hora
do dia, da noite, de um
lençol encaixado entre a noite
e o dia. Se precisar,
chame,
grite pelo local da escuridão.
(Eiras 2021: 32-33)

De forma discordante, constatamos na voz do poeta um intenso “voltar a falar de si”, ou seja, de um retorno à verbalização dos sentimentos que podem ser compartilhados uns com os outros, bem como à ordem das mágoas partilhadas por meio de uma linguagem literal. Essa dicção “realista” presente em certa poesia portuguesa contemporânea foi bem representada por Joaquim Manuel Magalhães e por outros poetas da *Geração Cartucho*. Ela revela uma atenção ética na escrita de poesia que, por sua vez, está intimamente ligada à presença da corporeidade dos poetas que exigem a volta dos afetos. Assim, a partir da apreensão de elementos críticos a respeito da lógica neoliberal, entendemos que Pedro Eiras possibilita a seus leitores, em seus poemas, uma reflexão crítica acerca da realidade neoliberal. Isso porque entendemos que o poeta “deixou de cantar, [de] vê-l[o]/ na figura sem espelho, na perspectiva/ quase de ninguém, de um corpo/ pronto a dizer até as manchas/ a exacta superfície por onde vai/ onde se perde” (Guerreiro 2003: 67).

Nessa poesia de linhagem crítica à realidade contemporânea do desempenho e das cobranças excessivas, perscrutamos um olhar analítico sobre a poesia de Eiras a

partir de uma ótica lusitana fadada ao consumismo, ao desempenho desenfreado do eu e à produção capitalista. Para iniciar, destacamos, desde já, que o cenário citadino representado no *Inferno*, no *Purgatório* e, também, no *Paraíso* é desolador. Para comprovar essa perspectiva desoladora que se estende por todos os livros, transcrevemos o Canto I do *Paraíso*, que retoma a descrença do poeta frente à realidade nada “paradisiaca” do tempo presente, já anunciada tanto no *Inferno* quanto no *Purgatório*:

Nada aqui é
como nos disseram
que seria:
onde esperávamos
panoramas, planícies cercadas
por calmas montanhas;
céu azul,
água cristalina
e outras reconfortantes tautologias;
o leão em paz
co’a gazela deitado,
pelo com pelo emaranhado,
todas as feras castradas,
não na carne,
mas na funda necessidade;
a cocanha de não ter fome,
nem dentes, língua,
estômago,
um corpo glorioso,
olímpico,
atlético,
revelando
em cada instante
a ocasião;
e esses vultos sorridentes,
para sempre adultos,
mais algumas crianças, alguns idosos,
como convém,
gozando a harmonia do eterno
meio-dia;
reclinados à sombra da vasta faia,
sem temerem cobras,
peçonhentos aracnídeos;

e recitando
não sei bem que palavras, talvez
salmos de David; como nas capas
dos folhetos
publicitando
«o que o Senhor quer para você»,
«o que há depois da morte»
ou
«como o mundo vai acabar»,
não, nada aqui é
como nos disseram
que seria.
(Eiras 2022: 7-9)

No *Paraíso*, o sujeito lírico se deprime, torna-se insatisfeito e se sente desolado ao entender que o que lhe espera é ainda pior: “Tudo é igual ao que já era,/ mais ainda igual/ ainda:/ o mesmo mundo, a mesma/ soma/ dos destroços reunidos/ contra o rosto/ acordado,/ porém tudo mais furioso,/ mais vivo, muito mais/ exacto” (Eiras 2022: 10). Esse desencanto frente à realidade citadina já fora melancolicamente anunciado no *Inferno*. Nesse primeiro livro, nos deparamos com sujeitos deprimidos, insatisfeitos e, sobretudo, doentes. Para tanto, podemos pensar a trilogia de Eiras como um *continuum* trabalho poético errante, ou seja, de constantes tentativas reflexivas do poeta de instaurar modos de pausa exigidos pela poesia frente às imposições neoliberais, que passa a criticar o extremo cansaço da produtividade. Os versos abaixo, sobretudo quando destacam “os dias repetidos em prol de uma ordem invisível”, tal como se lê no Canto XI do *Paraíso*, confirmam essa forma de “salvar” o mundo por meio da “errância” do poeta:

Eu, abaixo-assinado,
especialista em demonologia,
a andar sobre gelo fino,
pisando a sombra repartida,
pelos livros declaro
que mudo e me transformo,
porém tão lenta, lentamente,
que já a tudo me habituo:
o oxigénio mais pesado,
estes nervos de cristal,
certa vertigem nas ruas,
o encorilhado da pela,
tudo – menos o cansaço

dos muitos dias repetidos,
e a palavra aprendida
por sebatas emprestadas,
menos o certo calendário
dos ponteiros concordantes,
o caminho decorado
de nada para coisa alguma.
(Eiras 2022: 40)

Ao se voltar contra o cansaço extremo, como é perceptível no poema acima, podemos relacionar boa parte de sua poesia ao pensamento crítico de Byung-Chul Han (2017; 2018; 2021), em seus livros *Sociedade do Cansaço*; *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas do poder* e da *Sociedade paliativa: a dor hoje*. A partir desse aparato filosófico, as imagens presentes nos poemas de Eiras podem ser pensadas criticamente na perspectiva de um cansaço sem fim, extremamente alienante e típico do paradigma neuronal que não admite espaço para a dor. Seguindo a esteira desse filósofo sul-coreano, hoje, na era hiperacelerada, impera por toda parte uma algofobia, ou seja, uma angústia generalizada diante da dor e dos pensamentos “negativos”, que deveriam ser evitados por todos. Para Han (2021: 11-12), a perspectiva ideológica do neoliberalismo entende que a resiliência transforma experiências traumáticas em catalisadores para o aumento do desempenho. Logo, “a sociedade paliativa coincide com a sociedade do desempenho. A dor é vista como um sinal de fraqueza. Ela é algo que deve ser ocultado ou eliminado por meio da otimização. Ela não é compatível com o desempenho” (*idem*: 13-14). No *Purgatório* de Eiras, mais especificamente em um trecho do Canto VIII, deparamo-nos com esse cenário angustiante, no qual estar vivo custa “óculos”, “comprimidos” e “compromissos” inadiáveis:

Que a vida não é justa prova-se por
não morrermos a morte que queremos:
eu, que conheci todas as palavras, estou agora
condenado a esquecê-las, uma a uma,
entre corredores de luz, comprimidos,
estas caras brancas e anónimas e brancas.
Que o corpo fosse caindo para dentro,
pernas, joelhos, as mãos tremendo,
ainda compreendia; mesmo que doesse
perder os passos, calculando bem a queda
em frente, e declinando, progressivamente,
os convites (o mundo cada dia mais pequeno),
eu, que disse nas palavras a pele do verão,

alta e solar, e a ardência nas areias,
agora fico em silêncio, entre corredores de
luz, e caras brancas, e corredores de luz.
Que os olhos se recusassem a destrinçar
as letras, sob o candeeiro inútil,
e mesmo a música já não fosse, como dantes,
aquela misteriosa lei, mais forte que os corpos,
tudo isso me custava, mas eu compreendia;
e eram tão lentas as perdas, eram tão pequenas,
que até o insuportável ia suportando, aprendendo
astúcias: óculos, comprimidos,
compromissos, Ficar mais por casa. Ter mais cuidado
com o vento. Dar passos mais pequenos.
Mas não morremos a morte que queremos:
a mim, coube-me esta angústia de ver
as palavras descolarem das coisas, uma
a uma, como secos líquenes caindo
das árvores cansadas. Como esta ramagem escura
atrás das grades, toda a noite, atrás dos vidros.
(Eiras 2021: 25-26)

Em sua poesia, o sujeito lírico e seus semelhantes estão submetidos a uma violência neuronal sistêmica, que é aquela imanente ao sistema neoliberal. As doenças psíquicas, tais como a depressão, o transtorno de personalidade, o déficit de atenção e hiperatividade, a síndrome de *burnout*, entre outras, aparecem entrelaçadas ao sujeito poético e aos seus semelhantes. No poema a seguir, retirado do Canto XXVI do *Purgatório*, deparamo-nos com imagens que podem ser relacionadas aos meios de autoexploração silenciosa da psicopolítica que acomete os sujeitos e, inclusive, ao próprio poeta:

As funções do corpo, ainda é o menos,
vamos cumprindo sem percalços de maior:
mantemos um horário regular de refeições,
tentamos esconjurar a apneia do sono.

Quanto aos imperativos categóricos,
cumprimos dois ou três, quando dá jeito,
se não complica demasiado a agenda
e alguém está a ver.

Quanto ao resto, ora bem, depende:
o mais prudente é estar atento ao jogo,
calcular que trunfos ainda não saíram,
guardar na manga uma carta a mais.
(Eiras 2021b: 90)

Lida sob essa perspectiva crítica da autoexploração do eu típica do neoliberalismo, cremos, assim como o poeta, na não salvação do mundo, em tempos nos quais não há espaço para a poesia. Logo, sua poética do desencanto deixa latente nos leitores os malefícios da não salvação do homem frente à hiperatividade que lhe é exigida cotidianamente. No livro *Inferno*, há várias cenas de sofrimentos, sobretudo ligadas à violência sistêmica que é imanente à globalização. No entanto, ao se situar entre os transeuntes, a voz lírica se manifesta descontente com os cenários que percorre, o que revela uma questão ética que exige ser refletida em toda a sociedade, sobretudo pelo viés crítico em relação às imposições da lógica neoliberal do desempenho e do comando das vidas pelos algoritmos. O canto VI do *Inferno* descreve bem esse mapeamento virtual urbano:

E aqui moram os desesperados
que aprenderam a respirar
fora de água.
À primeira vista, são
como qualquer pessoa:
nos cafés, consultando
telemóvel, trocos, linhas da fortuna,
dando a vida de barato
em troca de noites sem susto,
menos passos à volta do poço,
um esquecimento mais dócil.
Por dentro, retalham
jugulares, retinas, o nome próprio
num derrame de sonos.
O que para o outro é turismo
no País das Maravilhas
aqui monta a instável morada
do corpo, intervalada
com estâncias de hospital, paredes altas,
janelas altas, copas das árvores
recortadas contra
altas noites,

gradeamentos, comprimidos, rondas entre
quatro muros,
sapatilhas sem atilhos.
(Eiras 2022: 22)

Os “desesperados”, na voz de Eiras, “são como qualquer pessoa” e estão em lugares de partilha. Nos “cafés”, que deveriam ser recintos de encontro e de partilha, tornaram-se lugares nos quais os sujeitos estão apenas interessados em “postarem” suas “verdades” em suas redes sociais. Contudo, pode-se deduzir, pelos versos, que esses mesmos sujeitos, por dentro, estão a retalhar “jugulares” de seus semelhantes para conseguir *likes* em suas postagens nas redes sociais. Enfim, os “hospitais” e os “comprimidos” que cercam esses mesmos indivíduos refletem o descontentamento do poeta que vivencia a degradação dos semelhantes ao seu redor. Esses espaços, que formavam o “país das maravilhas” somente na visão dos “turistas”, perderam sua identidade em prol de interesses rentáveis. A contrapelo, o longo poema, ao trazer imagens comuns da era digital, induz os leitores à pausa e à desaceleração. A esses últimos, a reflexão sobre os “vales” do inferno contemporâneo pode servir como um alerta à virtualização da vida pouco afetuosa e regida pelos ideais neoliberais.

Por outro lado, como Eiras tem alargado a perspectiva da salvação do mundo por meio da errância e da fúria, há momentos nos quais podemos ter uma esperança na salvação-fúria por meio da perda. O Canto III do *Paraíso* nos provoca essa abertura para polissêmica para os usos do verbo “salvar”. Leiamos:

Há também um grave equívoco
nos usos da palavra
salvar
(e tantas vezes tentei explicar isto,
tantas vezes falhei,
tantas vezes queimei os testamentos
no indiferente jardim
(talvez
a linguagem não sirva,
não saiba o gesto
que se retira na sombra;
talvez, como elefante
em loja de porcelanas,
só interrogue os mistérios
com lanternas
policíarias;
colírio cegante,

rombo bisturi,
névoa da noite a sela
cegas janelas,
ainda assim, tento de novo):
... que *salvar* não significa
guardar, amearhar
um pecúlio, riqueza;
nem possuir ou preservar o que quer
que seja;
nem sequer regressar
eternamente,
e nunca envelhecer,
e não morrer
nunca;
... nada a ver com o tempo
investido, a ocupação do território,
nem com as actas da memória,
pois
tudo esquece, tarde ou cedo,
decerto mais cedo
do que parece.
(Aliás,
salvar
é mais parecido com
perder.)
... que o infinito não está no tempo, nem na soma
dos tempos.

Mas
podes atravessar o tempo, dentro do tempo,
neste instante, dentro deste
instante.
Depois o tempo segue seu curso,
e não permanece, nem regressa; mas
o que nesse instante perdeste
está para sempre
salvo.
(Eiras 2022: 13-15)

Sim, como é perceptível na visão do poeta, a poesia pode, sim, salvar o mundo, sobretudo nos momentos nos quais o eu-lírico apresenta uma vontade de comunicabilidade, de estar em conjunto, de ocupar espaços e de “partilha do sensível”.¹⁰ O poeta, então, decreta a pausa: obriga-nos a desacelerar. Sua poesia exige o ócio produtivo que vai contra aquilo que Vladimir Safatle entende, em seu *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (2022), como práticas de gerenciamento de mal-estar estritamente ligadas ao excesso de positividade imposto pela perspectiva empreendedora neoliberal. Para Safatle, o neoliberalismo molda nossos desejos, bem como “recodifica identidades, valores e modos de vida por meio dos quais os sujeitos realmente modificam a si próprios” (Safatle 2022: 11). Pensamos, então, como os poemas de Eiras estimulam a reflexão sobre como o neoliberalismo tem se tornado mais do que um modelo econômico, para se tornar uma engenharia social que destrói a pólis, tornando a cidade, no caso, Lisboa, com a exaltação consumista (turística) de sua luz, da beleza do rio Tejo, do movimento das ruas da baixa, uma mercadoria espacial extremada. Os projetos de exploração dos espaços, para atingir suas metas econômicas, precisam se expandir com a posse de estabelecimentos antigos e edificações várias que marcavam a memória das ruas lisboetas, transformando-os para uso e satisfação momentâneos dos turistas, o que acarreta a desfiguração de tantos lugares lisboetas icônicos para o estabelecimento de prédios de hospedagem e de restauração.

E onde fica, então, a poesia nessa vida feita de produtos, de produtividade e de hiperaceleração? Sobre essas questões, Rosa Martelo corrobora o pensamento de Eiras, e ambos os autores nos apresentam uma luz no fim do túnel. Em *Devagar, a poesia* (2022), Martelo evidencia os modos de experiência temporal expansiva gerados pela poesia enquanto forma de resistência às diversas imposições inerentes ao tempo presente. Para ela, a adoção dos modos de dizer na poesia revela o que somos, bem como o que recusamos. Sob um prisma social, somos afetados uns pelos outros e pelos mesmos transtornos comuns que enfrentamos na sociedade do capitalismo tardio. Logo, a poesia é lugar de resistência às imposições capitalistas e neoliberais.

Por hora, fica-nos, aqui, a inquietação sobre a necessidade de desaceleração que a poesia possibilita, bem como a sanidade mental fundamental à vida contemporânea. Uma das perspectivas de salvação do homem frente ao mundo acelerado, por meio da constante errância e da perda pensadas pelo poeta, estaria na urgência da pausa, na valorização do ócio e no tédio produtivo na vida cotidiana da era atual. Logo, a poética de Eiras assume um caráter terapêutico, haja vista que ela nos apresenta uma lição ética, que leva os leitores a refletirem sobre como funcionam os dispositivos psíquicos de manipulação da nova ordem vigente por meio de uma poesia afetiva. Finalmente, aprendemos com o poeta que é necessário, sempre, para tentar nos salvar, na constante errância, o “falhar”: “Como vão os teus estudos?/ Já aprendeste/ a falhar? / [...] “falhar as coisas/ para acertar nelas?” (Eiras 2022: 60-61)

NOTAS

* Paulo Sales é Professor de Linguagens no Instituto Federal Goiano e nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras e Linguística – Estudos Literários – da Universidade Federal de Goiás e em Formação de Professores de Práticas Educativas, do Instituto Federal Goiano. Desenvolveu estágio Pós-Doutoral (2021-2023) na UFF, sob supervisão de Ida Alves e co-supervisão de Celia Pedrosa. Lidera, junto com Flávio Camargo (UFG), o Grupo de Pesquisa “Estudos da narrativa brasileira contemporânea” (UFG/CNPq). É pesquisador membro dos Grupos de Pesquisa “Poesia e contemporaneidade” (UFF/CNPq) e “Texto Poético” (ANPOLL). Desenvolve pesquisas sobre poetas portugueses do extremo contemporâneo, que passaram a publicar desde fins dos anos 1980 aos anos 2000 em diante.

¹ Pedro Eiras tem se dedicado, no âmbito da pesquisa no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto, a promover os “Seminários de Salvação do Mundo”, que já contam com mais de sete edições. Neste ano de 2025, fomos convidados por Pedro a apresentar uma comunicação, que foi intitulada “A distopia em certa poesia recente”. Na oportunidade, nós nos ocupamos da leitura de poesia de três poetas do extremo contemporâneo: Golgona Anghel, Pedro Mexia e do próprio Pedro Eiras.

² Trata-se do primeiro capítulo do livreto, também organizado por Pedro Eiras, intitulado *Materiais para a Salvação do Mundo*, Volume I, publicado pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto. O livreto, assim como os demais subsequentes, está disponível em PDF e podem ser acessados eletronicamente pelo link: <<https://www.ilclivrosdigitais.com/index.php/ilcld/catalog/book/41>>.

³ Cf. Han 2017; 2018; 2021. Valemo-nos da perspectiva filosófica da psicopolítica segundo Byung-Chul Han, em seu estudo *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas formas de poder* (2017). Nessa obra, o filósofo sul-coreano entende que estamos caminhando na era da psicopolítica digital, que avança da vigilância passiva ao controle ativo, empurrando-nos, assim, para uma nova crise da liberdade. Assim, até a nossa vontade própria é atingida. Os *big data* são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação social. Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo.

⁴ Cf. Lévy 2000.

⁵ Cf. Han 2018.

⁶ Cf. Martelo 2010.

⁷ Trecho do Canto XV do *Purgatório*.

⁸ Trecho do Canto XI do *Paraíso*.

⁹ Outro trecho do Canto XV do *Purgatório*.

¹⁰ Cf. Rancière 2009

Bibliografia

- Eiras, Pedro (2021a), “Falhar melhor: novos apontamentos sobre a palavra salvação”, *Materiais para a salvação do mundo I*, Porto, Instituto de Literatura Comparada: 9-21.
- (2020), *Inferno*, Porto Assírio & Alvim.
- (2021b), *Purgatório*, Porto, Assírio & Alvim.
- (2022), *Paraíso*, Porto, Assírio & Alvim.
- Guerreiro, António (2003), “Um pouco de vida, um pouco de poema”, *Telhados de Vidro*, nº 1: 65-74.
- Han, Byung-Chul (2017), *Sociedade do Cansaço*, Tradução de Enio Paulo Giachini, Petrópoles, Vozes.
- (2018), *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas formas de poder*, tradução de Maurício Liesen, Belo Horizonte, Editora Âyiné.
- (2021), *Sociedade paliativa: a dor hoje*, tradução de Lucas Machado, Petrópoles, Vozes.
- Lévy, Pierre (2000), *Cibercultura*, São Paulo, Editora 34.
- Martelo, Rosa (2010), “Cartucho e as linhas de renovação da poesia portuguesa na segunda metade do século XX”, in *A Forma Informe: leituras de poesia*, Porto, Assírio & Alvim, pp. 155-178.
- (2022), *Devagar, a poesia*, Lisboa, Documenta.
- Rancière, Jacques (2009), *A partilha do Sensível*, Tradução de Mônica Costa Melo, São Paulo, Editora 34.
- Safatle, Vladimir (2022), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*, São Paulo, Autêntica.